

LOUISE LABÉ: A ESCRITORA RENASCENTISTA E CONTRIBUIÇÕES NA PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

LUIANE SOARES MOTTA¹;
REJANE BARRETO JARDIM²

¹ Mestranda em História na Universidade Federal de Pelotas (Bolsista FAPERGS) - lulusmotta@gmail.com

² Professora Doutora da Universidade Federal de Pelotas – rejane.jardim@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa parte da obra da escritora francesa Louise Labé, do século XVI, para repensar o espaço e o papel de um determinado grupo, muitas vezes deixado de fora historiograficamente: as mulheres.

Através de seus escritos e de sua própria figura emblemática enviesamos-nos à percepção dos caminhos que esta autora percorre e das narrativas que constrói, pois, se por um lado a literatura é um mundo fictício, não significa que necessariamente trate da mentira, como recorda-nos Jacques Derrida.

Ainda, como trata PESAVENTO:

[...] a história e a literatura se aproximam: como versões, representações e narrativas do real, portadoras ambas do imaginário de uma época. (...) se a história é uma narrativa *ex-post*, ela dialoga com uma outra janela de entrada para o real: através da sensibilidade, da sintonia e do clima de uma época. A literatura é a narrativa do que poderia ter sido, do que não foi, do desejado e do temido, do *senso comum*, do *imaginário social* que dá coerência e sentido para uma época.

Retomando tal reflexão, o entrelaçamento entre história e literatura, dá suporte a essas ocasiões em que tais construções narrativas apresentam propriamente a conexão que os contemporâneos de tal época realizam sobre si mesmos e suas vivências. Se, por um lado, as construções literárias podem não ter ocorrido tal e qual se ocorreram os "fatos", podemos observar, por outro lado, que sua construção dá-se em sintonia com o que se crê viável e através dela podemos ainda perceber os costumes que aparecem despropositadamente, servindo-nos enquanto fonte.

Obviamente, trata-se de um olhar que tal escritora, no caso deste estudo, apresenta sobre o papel desempenhado pelo feminino na esfera de produção intelectual, refletindo, ainda, como estavam sendo alicerçadas as relações sociais construídas pela diferenciação do sexo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os métodos empregados até momento relacionam-se a algumas ferramentas possibilitadas pela análise de conteúdo. Fez-se, assim, uma apreciação do contexto em que foi escrito *Disputa de Amor e de Loucura* (salientando-se que ainda há textos da autora a serem analisados). Em seguida, refletimos, a partir de dados sobre a nossa personagem, a representatividade desta escritora Louise Labé (classe, lugar de fala, entre outros atributos), percebendo no que se constitui a sua "proposta" renascentista, etapa necessária para enxergar a participação de Labé na esfera intelectual quinhentista, e com quais obras discute. A partir disto realizou-se uma leitura flutuante do texto

propriamente dito, estabelecendo temas que a narrativa da autora traz, onde se revelaram elementos que corroboram com as discussões contemporâneas do período e alguns estereótipos levantados pela autora com determinadas caracterizações. A partir disso, se fez uma análise textual qualitativa desses dados que apareciam dentro do texto. Observa-se que neste momento, houve uma adaptação da metodologia de análise de conteúdo, para que fosse possível dar conta da intertextualidade da narrativa, bem como, a percepção das caracterizações apresentadas pelos personagens, permitindo notar outros elementos discursivos do texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O texto analisado é o que dá título ao conjunto da obra de Louise Labé, e se chama *Débat de Folie et D'Amour*. Neste texto, Labé faz reflexões sobre o alcance dos poderes e ações de dois deuses sobre o mundo – no caso, *Amour* e *Folie*. Levantamos a hipótese de que tal texto não traz apenas discussões de sua época sobre loucura e amor, que, é claro, apresentam importantes reflexões quanto aos limites da razão sobre a vontade e o sentimento humano, mas discorre ainda sobre sua própria época, quanto aos estereótipos que em tais personas colocam-se, possibilitando perceber os papéis atribuídos ao feminino e ao masculino.

É interessante notar que a escolha desses deuses apresentados como feminino (*Folie*) e masculino (*Amour*), serve como importante consideração, já que, no francês moderno estas palavras pertenciam a um gênero designado como substantivo neutro (CÓRREA, STEINBERG;1990) . Assim, a construção desses personagens na forma que a autora propõe, que coincidirá com a classificação de gênero atual (ou seja, “a deusa loucura” e “o deus amor”), não fez parte da lógica gramatical da época. Seja por influência dos escritos do período, seja por afirmar neles certos estereótipos¹, que buscamos compreender, podemos concluir que sua construção “genderificada” não foi acidental ou natural².

Dentro de seu estilo, podemos elencar que possui influências de Platão (quanto à forma que constrói sua argumentação) e Petrarca – pelo formato dos sonetos e seus elementos de antíteses (KANGUSSU, 2006) -, onde seu texto é produzido através do diálogo entre os personagens, se assemelhando a um roteiro teatral. Esse tipo de construção possibilita a exposição de diversos elementos argumentativos, o que também permite uma criação dialética expondo, ao final, um resultado concluído “pelos personagens” (obviamente através deles).

Nos atributos dos personagens construídos em tal narrativa, há elementos muito característicos, onde se verificam aspectos mundanos, mesmo em seu

1 Estereótipo, aqui, refere-se a imagens simplificadas de objetos sociais - algo como uma caricatura. Embora, o estereótipo esteja geralmente associado a uma atitude negativa, cabe salientar que é tratado aqui como o estabelecimento de atitudes ou comportamentos padrões que incide a visão de determinados grupos de indivíduos sobre seus elementos, tendo por base uma generalização, que, obviamente, nem sempre condiz com as especificidades das múltiplas realidades. A formação e reprodução dos estereótipos girariam em torno, então, do imaginário dos indivíduos sobre os elementos de sua sociedade.

2 Principalmente a partir dos anos 1970, com contribuições, diversas, de estudos realizados pela Escola Canadense de Tradução, começa-se a pensar a linguagem como lugar de influência na produção e reprodução de hábitos, em relação, inclusive, à exclusão social e política das mulheres. Percebe-se que, “através de sua escrita [da linguagem], de sua produção literária interveem no seio mesmo da instituição patriarcal, de seus símbolos e de seu imaginário, pois a língua, enquanto instituição ‘é um local de exercício de poder e o alvo de ataques de facções’”(DÉPÊCHE, 2003).

panteão de deuses. Isto é, alinha-se com o conhecimento da cultura greco-romana, porém, suas referências delimitam papéis um tanto quanto diversos aos dois personagens principais.

Loucura é encaminhada, ao longo do texto, a um diálogo extremamente articulado, refletindo não apenas os limites da razão, para esta autora, mas, também, um agir mais elaborado da mulher, levando em conta a “feminização” desta personagem, que se afirma enquanto Dama. Aliás, durante suas falas, *Folie* defende-se como muito respeitável, onde sua figura não poderia ser passível de ultraje por jovens presunçosos, como podemos ver no trecho seguinte: “Assim se castiga os *jovens* e presunçosos como tu. Ah que temeridade uma criança de se endereçar a *uma mulher* e lhe injuriar e ultrajar com palavras: depois encaminhar-se para tentar, com mácula, mata-la”³ [grifos meus]. Como podemos ver, faz duas menções bastante significativas sobre sua posição: primeiro, contrapõe sua identidade contra a de *jovens*, afirmando-se enquanto *mulher*, que deve ser respeitada. Ainda, pronuncia-se sobre o castigo aplicado, o que, note-se, sustenta a característica da mulher que trama (o estereótipo de Eva). Entretanto, impõe o caráter de que se faz independente, e que age por estar fundamentada em defesa de sua própria reputação. Ou seja, possui um saber onde articula com lógica e racionalidade suas atitudes⁴. Tal postura fica ainda mais explícita na citação a seguir:

Folie: Deix-me ir, não me arraste a este ponto, porque te será vergonhoso brigar gananciosamente com uma mulher. E se tu me exaltares mais uma vez, tu não obterás a melhor.

(...) *Folie: Tu mostras bem a tua falta de discernimento, tomando como mal o que eu te faço por brincadeira: e tu não conheces bem a ti mesmo, revelando maldade quando eu pensei que teria do melhor, se tu se dirigisses a mim. Você não vê que você é apenas um jovem garoto? De fraco tamanho que quando eu levantar um braço heroicamente, se não desistires, eu vencerei*⁵.

Como podemos perceber a partir da lente do Gênero, quando *Folie* diz ao jovem deus, a quem dirige uma contenda, que se cale e que a respeite, dá margem a se pensar a posição de mulheres em relação ao lugar que ocupam numa hierarquia. Tal interação responde com certa dose de humor à questão das relações de poder entre os sexos. Se de um lado, existe uma literatura que posiciona o masculino acima do feminino, a colocação despretensiosa da autora e outros estudos contemporâneos, nos permitem pensar como essa sociedade no entorno de nossa escritora, funciona de forma menos determinante ou simplificada em relação a atribuições de papéis. O jovem, perante uma mulher de

3 *Folie: Ain[i] chatient les ieunes & pre[om]ptueus, comme toy. Quelle temerité ha (19) un enfant de]'adref]er à une femme, & l'iniurier & outrager de paroles: puis de voye de fait tacher à la tuer.*(Louise Labé, 1555, p. 18-19). T.A.

4 Que são os principais itens, que como colocado anteriormente, geravam discussões polêmicas, onde eram elencados elementos de discursos diversos, mas que visavam ordenar ao feminino um lugar inferior quanto à sua intelectualidade.

5 *Folie: Lai]e moy aller, ne m'arre]te point car ce te]era honte de quereler auer vne femme. Et]i tu m'e]chaufes vne fois, tu n'auras du meilleur.*

(...) *Folie: Tu montres bien ton indi]crecion, de prendre em mal ce que ie t'ay par ieu:& te me]connois bien toyme]me trouuant mauuais que ie pen]e auoir du meilleur]i tu t'adre] à moy. Ne vois tu pas que tu n'es qu'vn ieune gar]onneau? De]i foible taille que quand i'aurois um bras lié,]i ne te creindrois ie gueres*(Louise Labé, 1555, p. 10).

mesma classe, que em nosso texto é uma deusa, deveria calar-se, já que esta, pelas suas próprias inferências, se proclama mais velha e mais sábia que ele.

Quanto ao amor, observemos como apresenta-se um determinado tipo de masculinidade da época na expressão do que seria o poder do personagem Amor:

Não preciso de carroça, soldados, homens armados e grandes tropas, sem as quais os homens não triunfariam lá embaixo. (...) Eu não tenho outras armas, conselho, munição, ajuda, senão eu mesmo. Quando vejo os inimigos preparando a guerra, eu me apresento com meu arco: a batalha que surge é minha vitória certa⁶.

Ou seja, a figura de *Amor*, atrelado às guerras e às conquistas, nos remete, semanticamente, não a uma noção de amor carnal, físico, ou ainda, transcendente, senão, à visão de um lugar essencialmente masculinizado: o campo de batalha, a guerra, o lugar do cavaleiro.

Configura-se assim que além de podermos afirmar, devido a presença de elementos discutidos no período renascentista, que há participação das mulheres dentro do Renascimento, o que vislumbra um objetivo da História das Mulheres, vê-se, também, através da leitura e outros elementos menos quantitativos que referem-se aos estereótipos sinteticamente apresentados, como se dá a interação e a construção dos papéis do feminino e do masculino nessa sociedade.

4. CONCLUSÕES

Os resultados aqui apresentados permitem elaborar considerações ainda parciais. Porém, através deles podemos perceber nitidamente a participação feminina dentro do período Renascentista, o que vem a colaborar com uma história menos rígida quanto ao jogo das esferas pública e privada (que geralmente são vistas como espaço do masculino e feminino, respectivamente) e, através disso, perceber as mudanças que ocorrem na distribuição dos papéis entre essas relações de gênero. A análise desse texto, enquanto fonte, nos permite deliberar, apesar de sabermos os limites de quando trabalhamos com micro-história, sobre as possibilidades de experiências dentro de determinadas sociedades, complexificando os próprios saberes, desconstruindo categorias que aparecem estanques dentro na construção do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÔRREA, Roberto A. & STEINBERG, Sary H. **Gramática da Língua Francesa**. 3ª Ed. e 3ª tiragem. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. Ago 1996, vol.10, no.27, p.7-39

FORTUNA, Felipe. **Louise Labé**. Editora Siciliano: SP, 1995.

KANGUSSU, Imaculada. A Disputa de Amor e Loucura, segundo Louise Labé. **Artefilosofia**. Ouro Preto, n. 1, p. 56-69, Julho, 2006.

KING, Margaret L. **Mujeres Renascentistas. La búsqueda de un espacio**. Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

⁶ Tradução: FORTUNA, Felipe. **Louise Labé**. Editora Siciliano: SP, 1995, p.57.